

Mediações digitais: os estudos culturais para investigações do jornalismo na cultura da convergência

Digital mediations: cultural studies in journalism investigations in the convergence culture

Las mediaciones digitales: estudios culturales para investigar la cultura de la convergencia periodística

Ana Cecília B. Nunes¹

(nunes.anacecilia@gmail.com)

<http://dx.doi.org/10.5216/cei.v17i1.25504>

Resumo

Os Estudos Culturais analisam movimentos de mudança social e o papel da cultura nestes processos de transformação. Este artigo visa a problematização da cultura da convergência e dos debates do jornalismo digital em uma vertente que tem origem na discussão dos Estudos Culturais. Para tanto, problematiza-se as questões da cultura da convergência (JENKINS, 2009), através de uma perspectiva das tecnologias como efeito (WILLIAMS, 2005) e dos suportes no âmbito das mediações (MARTÍN-BARBERO, 2009). Este artigo resulta de dissertação sobre a publicação de tablets *The Daily*¹ (a primeira do seu tipo), e abarca igualmente os desafios empíricos desta metodologia para objetos dinâmicos e em constante mutação.

Palavras-chave: Jornalismo. Estudos Culturais. convergência.

Abstract

Cultural Studies analyses social change and the role of culture in these transformations' processes. This article seeks to problematize convergence culture and discussions of digital journalism in a perspective that has its origin in the discussion of Cultural Studies. Therefore, it problematizes the issues of convergence culture (JENKINS, 2009), through a perception of technology as effect (WILLIAMS, 2005) and media as mediation (MARTIN-BARBERO, 2009). This study results from a Master thesis on the journalistic publication for tablets *The Daily*² (the first of its kind), and also covers the empirical challenges of this methodology when applied for dynamic and constantly changing objects.

Keywords: Journalism. Cultural Studies. convergence.

Resumen

Los estudios Culturales analizan movimientos para el cambio social y el papel de la cultura en estos procesos de transformación. Este artículo tiene como objetivo problematizar la cultura de la convergencia y de las discusiones sobre periodismo digital en una vertiente que tiene su origen en la discusión de los estudios culturales. Para ello, se problematizan las cuestiones de la cultura de la convergencia (Jenkins, 2009), a través de una perspectiva de las tecnologías como efecto (Williams, 2005) y los soportes en el ámbito de las mediaciones (Martín-Barbero, 2009). Este artículo resulta de la tesis sobre la publicación de Tablets *The Daily* (el primero de su tipo), y también abarca los desafíos empíricos de esta metodología para objetos dinámicos en constante transformación.

Palabras clave: Periodismo. Estudios Culturales. Convergencia.

¹ Dissertação de mestrado apresentada em 2013 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul intitulada "A convergência midiática e editorial no jornalismo móvel: uma análise do *The Daily*" orientada pelo Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda.

Master thesis presented in 2013 at the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul entitled "The media and editorial convergence on mobile journalism: an analysis of *The Daily*" mentored by Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda.

Mestre em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

A cultura da convergência (JENKINS, 2009) representa um período de transformação tecnológica, mas principalmente cultural. Como comenta Hartley (2011, p. 194, tradução nossa), os Estudos Culturais “foram deflagrados primeiramente por uma necessidade urgente de entender a mudança social em um momento em que os paradigmas existentes de conhecimento, tanto científico como político, estavam em crise, e quando os propulsores das mudanças pareciam estar migrando da esfera econômica e política para a cultural”. O contexto globalizado e convergente também urge entendimento e problematização teórica neste sentido. Ou seja, “a necessidade de entender o papel da cultura na mudança social permanece em um mundo globalizado” (HARTLEY, 2011, p. 194, tradução nossa).

A partir desta premissa, propõe-se a problematização do cenário atual da comunicação digital por um viés que combina perspectivas teóricas do culturalismo e dos Estudos Culturais para abarcar as questões da cultura da convergência de Jenkins (2009).

A união destas abordagens teóricas para a problematização de questões digitais é incomum. Mas, assim como Knewitz e Jacks (2011, p. 207), busca-se entrelaçar as tecnologias às culturas e contextos, pensando os suportes no âmbito “das mediações de Martín-Barbero (2004), uma proposta madura e flexível, capaz de acolher no domínio dos Estudos Culturais um tema convencionalmente tratado a partir de ‘referências ciberculturais’ (...)”. Procura-se, assim, evitar a centralização na técnica que o encantamento com as tecnologias pode causar. Consideram-se as tecnologias como parte integrante de um processo que tem sua influência fundamental oriunda da cultura e do comportamento social.

Para tanto, este artigo parte da reflexão das perspectivas teóricas relacionadas ao estudo das tecnologias, do jornalismo e sociedade, através de uma abordagem teórica que busca estabelecer os laços entre as teorias e mostrar nosso lugar de fala em relação ao contexto da convergência. Reflete-se sobre o papel da cultura neste cenário e, em um segundo momento, relaciona os Estudos Culturais e o culturalismo às perspectivas teóricas em relação à internet. Por fim, problematiza-se esta abordagem metodológica aplicada à publicação de tablets *The Daily*, a primeira de seu tipo, e os desafios empíricos relacionados a ela.

Este artigo busca, portanto, contribuir para a pesquisa do jornalismo digital em uma abordagem que o vincula ao contexto social, entendendo o papel da cultura nestes movimentos de

mudança. Além disso, pretende trazer subsídios para entender a contribuição teórica dos Estudos Culturais e do culturalismo para a pesquisa das novas mídias.

1 CULTURA DA CONVERGÊNCIA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA TECNOLOGIA E DO JORNALISMO

A introdução de tecnologias nas sociedades suscita questionamentos e posicionamentos teóricos diversos. A “cultura da convergência”, discutida por Jenkins (2009), representa um novo contexto, que retoma discussões antigas, perpassando gerações de pesquisadores. O olhar sobre este cenário define lugares de fala e modos de encarar a realidade, as sociedades, os desenvolvimentos tecnológicos e a própria comunicação. Inicia-se este artigo com a certeza de que pensar um novo contexto é um ato subjetivo e contextualmente vinculado a um referencial temporal.

(...) muitas vezes as pessoas falam de um novo mundo, uma nova sociedade, uma nova fase da história que está sendo criada – “trazida à tona” por esta ou aquela nova tecnologia: a máquina a vapor, o automóvel, a bomba atômica. A maioria de nós sabe o que está geralmente implícito quando essas coisas são ditas. Mas esta pode ser a dificuldade central: ficamos tão acostumados a declarações gerais deste tipo, em nossas discussões mais corriqueiras, que podemos deixar de perceber seus significados específicos (WILLIAMS, 2005, p. 1, tradução nossa).

A passagem de Williams (2005) refere-se à televisão, mas pode ser facilmente reinterpretada ao contexto da mobilidade e da Internet. O real significado das tecnologias é ofuscado, muitas vezes, por um encantamento pelo desenvolvimento tecnológico. A questão suscita a relação de causa e efeito, também problematizada pelo autor, da visão que coloca a tecnologia como propulsora de uma mudança cultural ou como efeito de um processo sociocultural. Tratar de convergência é falar do novo, retomando discussões que têm origens teóricas muito anteriores à era digital.

O aparecimento de novas tecnologias encanta e aterroriza os humanos desde os primórdios da existência e, talvez por isso, muitos estudos acabam centrando-se mais no suporte como transformador social — seria a visão da tecnologia como causa, que Williams (2005) discute, também relacionada ao determinismo tecnológico - do que na apropriação social dos suportes como fator transformador - relacionada às tecnologias como efeito do contexto sócio-histórico.

É uma questão presente desde os tipos móveis, quando os professores em reunião na Universidade de Oxford temiam a inutilidade da academia após a nova tecnologia, profetizando

que, de posse dela, “qualquer um poderia adquirir um livro e aprender tudo por si mesmo” (SARAVIA, 2008, p. 12). Com os computadores, os celulares e as telas cada vez menores e mais individualizadas, a cultura da convergência carrega consigo esta dualidade de encanto e temor e a própria descontextualização social quando de sua investigação teórica.

As perspectivas teóricas que dialogam com o tema dos desenvolvimentos tecnológicos, a determinista tecnológica e a culturalista, não ignoram (ou pelo menos buscam não ignorar) nem a tecnologia nem a cultura (apesar de, por vezes, isto acontecer). O papel destas duas variantes (tecnologia e cultura) neste contexto é o que marca, principalmente, o deslocamento teórico. Na visão determinista, neste contexto convergente, a cultura é influenciada pelas inovações tecnológicas (a força motriz dos processos se centra na tecnologia) — em uma visão similar à que enxerga a Internet como cultura fechada em si mesma³ e entende a tecnologia como causa. Na culturalista, as tecnologias são encaradas como materialização de uma demanda cultural latente, que se expressam através da apropriação de tais suportes pelas pessoas, pensando a cultura como força motriz do processo e dialogando com a perspectiva da tecnologia como efeito.

Além das questões de tecnologia como causa e efeito, Williams (2005, p. 6, tradução nossa) problematiza duas perspectivas-chave, às quais ele denomina determinismo tecnológico e tecnologia sintomática. Esta última dialoga com uma visão mais culturalista da tecnologia:

No *determinismo tecnológico*, pesquisa e desenvolvimento têm sido assumidos como processos autogerados. As novas tecnologias são inventadas como se estivessem em uma esfera independente, e, por sua vez, elas criam novas sociedades ou novas condições humanas. O ponto de vista da *tecnologia sintomática*, de forma semelhante, assume que a pesquisa e o desenvolvimento são autogerados, mas de uma forma mais marginal. O que é descoberto na margem é então absorvido e utilizado.

O autor faz uma abordagem crítica dos dois prismas teóricos, sustentando que não se deve pensar a tecnologia alheia a seu contexto sócio-histórico e reivindicando que se considere também a intenção, o propósito pensado para aquele objeto. Williams (2005) sustenta que a tecnologia não deve ser pensada de modo isolado. A importância do debate destas duas teorias frente às tecnologias, seus desenvolvimentos e sua intersecção com o contexto social se dá na interpretação e análise dos objetos, que se tornam díspares em uma perspectiva e na outra.

Autores como Shirky repensaram alguns posicionamentos adotados no início de suas pesquisas. Em *Cultura da Participação*, Shirky (2011, p. 18) retifica: “Falo por experiência própria

³ Assunto é explorado em detalhes mais à frente.

- grande parte do trabalho que fiz em 1990 enfocava obsessivamente as possibilidades dos computadores e da Internet, com pouquíssimo interesse pelo modo como os desejos humanos os moldavam”.

Antes de Shirky, a obra que traz a discussão culturalista para o centro dos debates sobre tecnologia é a de Jenkins (2009), em que ele cria o termo “cultura da convergência” como forma de caracterizar o contexto cultural vigente na era digital:

Se o termo, convergência de mídia, pode ser usado para diversos tipos de mudanças tecnológicas e econômicas que são fomentadas pelo fluxo de conteúdos de mídia através de múltiplas tecnologias de distribuição, a convergência cultural descreve os novos modos com que as audiências de mídia estão engajadas e novas formas de conteúdo de mídia a que elas dão sentido. Eu tenho sustentado que a convergência cultural precedeu, em muitas formas, à total realização tecnológica da ideia de convergência de mídia, ajudando a criar um mercado para estes novos produtos culturais (JENKINS, [2006], tradução nossa).

A perspectiva adotada neste artigo alinha-se com a visão culturalista, que problematiza a tecnologia como efeito: a cultura da convergência, assim denominada por Jenkins ([2006]), caracteriza um cenário de transformação. Uma transformação que tem como elementos mudanças culturais, tecnológicas e sociais, e que tem como força motriz de seus processos a cultura. Dialoga-se também com a perspectiva de Williams (2005) no sentido de considerar a intencionalidade dos produtos tecnológicos (não a ponderando como determinante, mas significativa) e pensar em sua relação sócio-histórica, sem ignorar os contextos a que estão relacionadas.

2 A CONVERGÊNCIA, AS AUDIÊNCIAS E O PAPEL DA CULTURA

Antes de prosseguir as reflexões teóricas, é preciso situar que o termo convergência, de que Jenkins ([2006]) se apropria, tem origem anterior. Ithiel de Sola Pool (1983, p. 23, tradução nossa) foi o primeiro a falar do que ele chama de “convergência dos modos”:

Um processo chamado ‘convergência de modos’ está borrando as linhas entre as mídias, mesmo entre a comunicação ponto-a-ponto, como o correio, telefone, e telégrafos; e comunicações de massa, como a imprensa, o rádio e a televisão. Um único meio físico — seja ele com fios, cabos ou ondas radiofônicas — pode transportar serviços que no passado eram fornecidos em separadamente. Por outro lado, um serviço que foi oferecido no passado por um meio — seja ele *broadcasting*, impreso, ou telefônico — agora pode ser fornecido em formas físicas diversas. Assim, a relação de um-para-um que existia entre um meio e a sua utilização está erodindo. Isso é o que se entende por ‘convergência de modos’.

O que Pool (1983) chama de convergência de modos é o que se caracteriza hoje como convergência midiática: a aglutinação de produtos midiáticos em um único aparelho. No entanto, a

concepção de Jenkins (2009) de cultura da convergência possui um sentido mais amplo, em que a convergência midiática é apenas uma parte do todo que compõe este cenário. Por convergência, no sentido amplo do termo, Jenkins (2009, p. 29) se refere à união do contexto midiático, do comportamento das audiências e do mercado:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. A convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais [...].

Encara-se a convergência como um fenômeno cultural, produto de uma demanda coletiva pela interligação cognitiva individual de conteúdos (sendo cada um ativo no processo de construção do conhecimento — uma audiência migratória), o que se identifica em uma convergência de plataformas e suportes (mediadas e influenciadas também por interesses comerciais). Aponta-se uma alteração no processo cognitivo de construção da informação, assim como transformações tecnológicas no que se refere aos suportes. A convergência refere-se a um contexto, caracterizando um cenário de transformações em diversas esferas, que respondem a uma demanda essencialmente cultural e borram fronteiras.

Mais do que ser um processo mediado e pensado por empresas de comunicação e mídia em busca de responder a esta demanda cultural, “a convergência também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias” (JENKINS, 2009, p. 45). Fala-se de apropriação. A raiz da transformação está no momento em que as pessoas se apropriam das tecnologias e dão a elas um significado, uma utilidade, concedem a ela uma importância simbólica e material. Como Jenkins (2009) menciona, o processo da convergência não envolve apenas questões comerciais e tecnológicas, mas principalmente questões culturais. Shirky (2008, p. 160, tradução nossa) corrobora que “uma revolução não acontece quando uma sociedade adota novas tecnologias, mas quando ela adota novos comportamentos”. Presenciam-se alterações no comportamento das audiências e uma transformação de origem cultural, que se materializa e se torna viável através das tecnologias e dos suportes.

Com uma visão culturalista, encaramos os suportes a partir de uma visão que tem como base a concepção de Martín-Barbero (2009, p. 197) ao falar sobre as invenções tecnológicas a partir dos anos de 1920, no âmbito das mediações:

Estamos afirmando que as modalidades de comunicação que neles [meios] e com eles aparecem só foram possíveis na medida em que, a partir da vida social, davam sentido a novas relações e usos. Estamos situando os meios no âmbito das mediações, isto é, num processo de transformação cultural que não se inicia nem surge através deles, mas no qual eles passarão a desempenhar um papel importante a partir de um certo momento [...].

A partir desta premissa, os suportes são importantes no processo, mas não determinantes.

As audiências estão se modificando e se apropriando das tecnologias e da informação de maneira migratória. Reside aí uma forte característica deste contexto convergente. Santaella (2004, p. 33) identifica um novo tipo de leitor, “em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir”, um leitor que a autora denomina leitor imersivo. Esta transformação cognitiva encontra meio material para se expressar também através dos suportes e da convergência tecnológica, aspecto integrante deste cenário convergente. Como afirma Jenkins (2001, s.p.), “a convergência de mídia encoraja uma nova cultura popular participativa, dando para a população média ferramentas para arquivar, anotar, apropriar e distribuir conteúdo”.

Ao mesmo tempo em que há um processo de mudança, é preciso também olhar estas transformações com certo distanciamento e percebê-las como um processo de transição não hegemônico. Como afirma Santaella (2004), há uma convivência entre os três tipos de leitores elencados por ela: contemplativo (o leitor de livros), movente (intermediário entre o leitor de livros e as telas) e imersivo (que é característico da era digital). As mídias digitais devem ser pensadas a partir de suas especificidades e do seu caráter híbrido, em um ambiente “em que novas práticas coexistam com outras estabelecidas há várias décadas” (KISCHINHEVSKY, 2012, p. 418).

Além disso, é importante salientar que a tecnologia não torna os consumidores não lineares. Morley (2006) aborda justamente esta questão:

[...] a despeito de todo o *hype* acerca das dimensões interativas destas novas mídias, num nível conceitual, a maior parte das teorias de novas mídias nos leva de volta ao lugar onde começamos, há muito tempo atrás — para uma versão tecnologicamente determinista dos efeitos hipodérmicos da mídia. Nesta visão, estas tecnologias são vistas como inevitavelmente transformando tanto o mundo quanto nossas próprias subjetividades. É como se as tecnologias, por si mesmas, tivessem a capacidade mágica de nos fazer todos ativos — ou, em alguns casos, até mesmo fazer-nos todos mais democráticos. De fato, uma estranha forma de efeitos da mídia (MORLEY, 2006, p. 20-21, tradução nossa).

É preciso valorizar e entender o papel da apropriação das tecnologias pelas pessoas em detrimento de uma visão determinista.

No âmbito das transformações do cenário tecnológico, estes leitores imersivos e migratórios encontraram formas de mostrar sua singularidade e construir seus próprios caminhos na busca de informações/conteúdo, através da apropriação destas tecnologias convergentes. Na comunicação, esta apropriação borra fronteiras e hierarquias antes existentes entre produtores e consumidores de conteúdo, exercendo o papel de uma audiência convergente e participativa: “o conceito [cultura participativa] sinaliza uma indefinição das fronteiras entre as categorias de produção e consumo, e uma subversão das hierarquias estabelecidas de valor cultural e autoridade” (URICCHIO, 2004, p. 139, tradução nossa). Como afirma Hartley (2011, p. 12, tradução nossa), “não é mais uma opção (se é que um dia foi) criticar a cultura popular do lado de fora, porque as fronteiras entre aquele domínio e o domínio do formal, intelectual, crítico, científico, jornalístico e do conhecimento imaginativo estão se dissolvendo”.

A convergência midiática, processo integrante da convergência, é uma transformação tecnológica que também tem como força motriz a cultura:

Convergência, neste contexto, não é apenas um processo tecnológico, amplificado pela digitalização. Convergência de mídia deve igualmente ser considerada um fenômeno com uma lógica cultural própria, tornando difusas as linhas entre diferentes canais, formas e formatos, entre diferentes partes do meio empresarial midiático, entre os atos de produção e de consumo, entre produzir mídia e consumir mídia, e entre formas ativas e passivas de audiência de cultura mediatizada (DEUZE, 2008, p. 103, tradução nossa).

Deve-se pensar que a relação com a informação está se transformando de maneira que a audiência quer ser parte integrante do processo (JENKINS, 2009). Deuze (2009) adiciona que há uma descrença entre o público sobre as origens da informação, resultando no uso de canais de participação oficiais e informais como contraponto permanente ao que é informado.

Existe hoje um contexto convergente, um processo de transformação cultural, social e tecnológica. A convergência é um processo e não um ponto final (JENKINS, 2009): um processo que tem raiz cultural, mas que também está associado à tecnologia e ao mercado. Este é o ponto de partida para várias transformações culturais e midiáticas.

3 INTERNET COMO ARTEFATO CULTURAL E OS ESTUDOS CULTURAIS

A Internet condensa também discussões teóricas distintas acerca de sua interpretação. Na concepção da Internet como artefato cultural, se “vê a Internet como um produto da cultura: uma tecnologia que foi produzida por pessoas específicas com objetivos e prioridades contextualmente situados. Também é uma tecnologia que é moldada pelo modo que é vendida, ensinada e utilizada” (HINE, 2001, p. 9, tradução nossa). Esta percepção dialoga com a questão da apropriação cultural, sustentando que as tecnologias são primordialmente influenciadas pela cultura, em uma concepção teórica que relaciona a tecnologia como efeito, como aborda Williams (2005), e dialoga com a abordagem dos Estudos Culturais de investigar o papel da cultura nas mudanças sociais. Esta ideia se opõe ao pensamento de internet como cultura (HINE, 2001, p. 9, tradução nossa), em que Internet seria representada como um lugar “em que a cultura é formada e reformada”.

A concepção de tecnologia como efeito e causa foi proposta por Williams (2005) ao tratar sobre as questões correlatas ao desenvolvimento da televisão. Como afirma o autor (2005, p. 1),

O estudo local mais preciso e discriminativo de "efeitos" pode permanecer superficial se não se debruçar sobre as noções de causa e efeito, entre uma tecnologia e uma sociedade, uma tecnologia e uma cultura, uma tecnologia e uma psicologia, que subjazem às nossas perguntas e muitas vezes podem determinar nossas respostas.

Williams (2005) defende que se a tecnologia é uma causa, seria possível controlar seus efeitos. Neste sentido, a tecnologia como causa dialoga com uma visão determinista tecnológica. A concepção da tecnologia como efeito, por outro lado, “ênfatisa outros efeitos causais para a mudança social. Ela considera, então, tecnologias particulares, ou um conjunto de tecnologias, como um sintoma de mudança de alguma outra natureza” (WILLIAMS, 2005, p.5). Neste sentido, se dá especial atenção às questões culturais e sociais.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 42) acrescentam que “a noção de Internet como artefato cultural oportuniza o entendimento do objeto como um local intersticial no qual as fronteiras entre *offline* e *online* são fluidas e ambos interatuam”. “Claramente, não obstante nós podermos estar confortavelmente falando sobre ‘Internet’ como se fosse um objeto, ela vai significar coisas muito diferentes para pessoas diferentes. A tecnologia vai ter diferentes significados culturais em diferentes contextos” (HINE, 2001, p. 29, tradução nossa).

Seguindo esta linha teórica, como abordado, pensa-se na convergência como um processo cultural (JENKINS, 2009) e trabalha-se com os suportes no âmbito das mediações (MARTIN-BARBERO, 2009), enfatizando as apropriações a partir da vida social.

A utilização de perspectivas teóricas originárias dos Estudos Culturais em pesquisas que problematizam também questões referentes à cibercultura tem poucas apropriações teóricas, mas já foi abordado em pesquisas como a de Knewitz (2010, p. 24):

As contribuições dos Estudos Culturais e da Cibercultura que surgiram em trilhas paralelas, parecem encontrar na investigação da leitura na Web uma razão para convergir. Se os Estudos Culturais ensinam que ‘estudar a produção de sentido no espaço da recepção significa pensar os processos de comunicação a partir do âmbito da cultura’ (GOMES, 2005, p. 209), os ‘estudos ciberculturais’ viabilizam a inclusão da nova face da cultura pelas tecnologias contemporâneas: a ciber.

Propõe-se a reflexão sobre as tecnologias por um viés que privilegia os contextos, as culturas e as apropriações da tecnologia pelas pessoas, tendo como foco não a leitura na Web, como no caso de Knewitz (2010), mas em um veículo digital móvel, o *The Daily*, como será abordado mais adiante.

Trata-se da aglutinação de suportes e da expansão das tecnologias móveis como os tablets, a partir de uma abordagem que os contextualiza culturalmente, dialogando com a questão das mediações proposta por Martín-Barbero (2009). A abordagem enfatiza a questão relacional e da apropriação e concede aos meios uma abordagem que não os superestima, mas também não relega seu papel na comunicação. Como afirma Martín-Barbero (2009, p.18), “confundir a comunicação com as técnicas, os meios, resulta tão deformador como supor que eles sejam exteriores e acessórios à (verdade da) comunicação”. A partir de um diagrama que inter-relaciona, em um eixo diacrônico, matrizes culturais e formatos industriais, e em um eixo sincrônico, lógicas de produção e competência de recepção, Martín-Barbero problematiza e elenca questões também no que tange à institucionalidade, tecnicidade, socialidade e ritualidade. A análise proposta através do *The Daily* se estabelece no sentido de colocar em diálogo as transformações das mídias de leitura e suas influências sociais desde os jornais impressos até as publicações exclusivamente digitais e móveis. Reflete-se no sentido das tecnicidades, as quais, como sustenta Martín-Barbero (2009, p. 19), indicam “o novo estatuto social da técnica”. Esta perspectiva dialoga com a questão das ritualidades, pensando a apropriação das tecnologias pelas pessoas e remetendo “aos diferentes usos sociais dos meios” e “às múltiplas trajetórias de leitura ligadas às condições sociais do gosto, marcadas por níveis e qualidade de educação, por posses e saberes constituídos na memória étnica, de classe ou gênero” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 19).

4 O VIÉS DA APROPRIAÇÃO EM CONSONÂNCIA COM O JORNALISMO MÓVEL E AS TECNOLOGIAS: UM EXEMPLO EMPÍRICO

O The Daily foi lançado em fevereiro de 2011 pelo conglomerado americano de mídia News Corp. e era uma publicação digital multimídia de periodicidade diária. Inicialmente, esteve disponível apenas para o iPad, tablet da Apple, expandindo-se para certas plataformas Android e smartphones no decorrer de 2011 e 2012. A proposta era a constituição de uma publicação “viva”, dinâmica, em contraponto às informações gráficas estáticas em papel, ao mesmo que com uma organização visual parecida com jornais impressos e revistas. O acesso funcionava através de assinatura, porém havia uma cortesia de duas semanas para quem acessasse a publicação pela primeira vez.

Pesquisar objetos novos e dinâmicos é um desafio, especialmente quando se busca um olhar para além da tecnologia e de seu produto jornalístico. Uma análise culturalista pressupõe investigar o lastro da cultura e da apropriação cultural.

Como a primeira publicação exclusivamente de tablets, o The Daily foi uma experimentação que se modificou por diversas vezes e culminou em seu fechamento ainda durante a sua investigação empírica, no final de 2012. A pesquisa teve particularidades, levando-se em conta o dinamismo do veículo. Agregado a utilização dos pressupostos dos Estudos Culturais e do culturalismo, sua análise trouxe questões que tangem a metodologias e posicionamentos de pesquisa de objetos dinâmicos. Como analisar uma publicação cuja edição some no dia seguinte⁴ e cujos leitores, que não são muitos, mesmo estando online não possuem contato direto, em uma pesquisa na qual a apropriação e o produto precisam dialogar para que se consiga investigar de modo eficiente as questões da convergência?

Trabalhou-se com a presente questão da mutação e destinou-se espaço privilegiado à flexibilidade⁵, de modo que as alterações do objeto significassem também novos rumos metodológicos, objetivando a investigação dos problemas de pesquisa. A complexidade das questões abarcadas foi trabalhada através da análise de produto, de entrevistas qualitativas e de comentários espontâneos sobre o The Daily na loja de aplicativos (um material que deixou de estar disponível, uma vez que a publicação foi descontinuada).

⁴ Ao atualizar para visualizar uma nova edição disponível, não era mais possível acessar a edição por completo. Podia-se localizar as notícias individualmente na Internet, no entanto, não é possível mais de forma alguma visualizar a edição completa.

⁵ Para driblar a dinamicidade e a inexistência de modo de armazenamento das edições, recorreu-se a registros de tela (print screen) assim como a descrição através de tabelas dos conteúdos, números de comentários, linguagens narrativas, interações, percebendo que estes seriam fotos de momentos do produto, capturas metodologicamente estipuladas.

Apesar de exclusivamente móvel e digital, o *The Daily* possuía ligação forte com os impressos e com o jornal de papel. No entanto, mesmo havendo um hibridismo entre características do jornal impresso e digitais, torna-se incoerente a mera transposição de referenciais teóricos do jornal impresso, assim como a busca de referenciais da Web, espaço em que estes jornais nem mais se encontram. A própria busca por estes referenciais perpassou a investigação comparativa entre os padrões já existentes, para tornar possível o estabelecimento de novos, colocando-se em contraste referenciais analógicos do jornalismo de papel com os digitais. É importante entender o objeto e a intersecção de novos paradigmas com os já estabelecidos, pois um produto sempre tem algum suporte em paradigmas já conhecidos. Ao mesmo tempo, verifica-se a necessidade de novos olhares, paralelamente em que se precisa esperar que novos referenciais sejam constituídos em consonância entre a academia e a própria cultura.

A investigação do *The Daily* reitera a importância da flexibilidade para este tipo de pesquisa, assim como a necessidade de mergulhar nas peculiaridades e especificidades do objeto para atender às demandas da apropriação. Durante a investigação, procurou-se responder perguntas, encontrando-se elementos empíricos e teóricos que pudessem auxiliar na busca pelos objetivos. Neste momento, o investigador tende a querer inquirir o objeto. É importante perceber que certas respostas não estão somente no objeto em si, mas na combinação entre o objeto/apropriação e seus desmembramentos, assim como na investigação e problematização do contexto cultural e social em que se encontra.

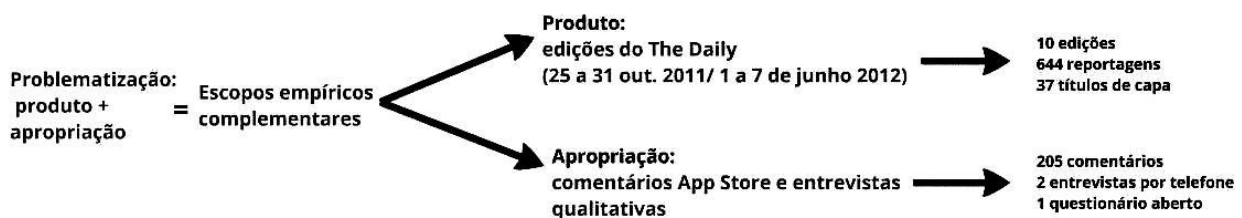
Tendo em vista a concepção de que os meios não significam nada sem apropriação, buscaram-se subsídios empíricos que servissem de base para a problematização deste aspecto, subsídios que seriam analisados de modo concomitante e conjunto às questões do produto. Neste sentido, destaca-se a investigação dos comentários da App Store, caminho que não foi facilmente vislumbrado.

Considerava-se significativo investigar os modos com que as pessoas se apropriavam do *The Daily*, como elas faziam uso e como enxergavam a publicação. Primeiramente, olhou-se para as reportagens mais comentadas, mas a abordagem atendia à questão da apropriação apenas de maneira indireta. Buscaram-se materiais nas próprias edições do *The Daily*, mas os comentários das reportagens traziam subsídios apenas sobre questões editoriais isoladas: em sua maioria, questões sobre aquele conteúdo específico, sobre a reportagem em questão, sem versar sobre o *The Daily* como um todo. Observou-se a página da publicação no Facebook, o seu perfil no Twitter e chegou-se aos comentários do aplicativo na loja de aplicativos da Apple. A partir da observação, notou-se

que os textos na página figuravam muitas vezes como depoimentos, não apenas como avaliações pontuais do aplicativo. Estes descreviam hábitos e opiniões, com textos com extensão, certas vezes, de até três parágrafos ou mais. Havia a possibilidade de hierarquizar tais comentários por data e também pelos mais relevantes, os quais são elencados pelos leitores⁶. Verificou-se que o corpus apresentava questões que poderiam atender às demandas de apropriação.

A pesquisa utilizou, assim, investigações complementares de produto e apropriação, tendo como base um escopo empírico elaborado de forma que dialogasse com a proposta metodológica dos Estudos Culturais e do culturalismo, vide resumo esquemático abaixo:

Diagrama 1 - Resumo das estratégias metodológicas



Fonte: A autora, 2012.

A experiência de investigação do The Daily pressupõe desafios metodológicos por suas particularidades como um produto digital dinâmico, mas especialmente pelo desafio de incorporar investigações complementares de produto e apropriação, dialogando com os Estudos Culturais e uma visão culturalista das tecnologias. O The Daily foi investigado como parte de cultura da convergência, em um contexto em que a tecnologia é apropriada culturalmente, e por isso, em que a relação das pessoas com este produto não poderia ser relegada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirma Hartley (2009, p. 39, tradução nossa), “nos estudos das indústrias de mídia, tem se dado atenção demasiada para os produtores de mídia e empresas, e muito pouco aos

⁶ Os comentários mais relevantes são hierarquizados com base na avaliação das próprias pessoas sobre sua importância. Assim, uma vez que um comentário é postado, ele fica disponível para ser apreciado por todos que o lerem. A avaliação é dicotômica e parte da pergunta: “este comentário foi útil para você?”. É possível responder apenas sim ou não.

consumidores e mercados. Os Estudos Culturais trazem à tona o papel da cultura nestes processos de transformação. Pode-se dizer que o novo cenário comunicacional provoca o ressurgimento da pergunta ‘o que as audiências fazem com a mídia?’” (HARTLEY, 2009, p. 39, tradução nossa) e a colocam como central para o entendimento destes processos.

A adoção das premissas dos Estudos Culturais e do culturalismo para tratar do jornalismo digital e da cultura da convergência faz sentido em um cenário de transformação, uma vez que a própria teoria surge em momento de mudanças de paradigmas sociais e teóricos. É interessante buscar referências que dialoguem com contextos de mudanças e não somente buscar iniciar teorias novas. Os Estudos Culturais se mostram maduros para trazer para discussão questões importantes e, muitas vezes relegadas, no estudos das tecnologias e do jornalismo digital.

Através das reflexões teóricas, buscou-se refletir sobre a perspectiva culturalista dos estudos do jornalismo digital e tecnologia, por vezes ofuscadas pelas pesquisas empíricas e voltadas a tecnologia em si e não a sua integração com as sociedades e as pessoas. A cultura da convergência tem origem cultural e a problematização da apropriação não pode ser relegada.

O exemplo empírico da pesquisa do The Daily buscou trazer os pressupostos teóricos para um patamar aplicado. As dúvidas, questionamentos e caminhos escolhidos não são estanques, mas mostram algumas alternativas para investigações que buscam debruçar-se sobre o viés das tecnologias e da apropriação.

Quando se pesquisa objetos digitais, o pesquisador fica sujeito às particularidades de um contexto online que, ao mesmo tempo em que tem potencialidade para manter um arquivo sem limites, a facilidade de se postar e excluir um conteúdo da rede acaba tornando a questão da memória (da própria preservação desses arquivos) algo complexo e ainda não totalmente resolvido no universo digital. É preciso lidar com o dinamismo das redes e com a volatilidade dos conteúdos, assim como com a busca de metodologias que atendam objetos e contextos novos e respondam às demandas no que se refere a apropriação. Como afirma Santaella (2001, p. 78), “estamos, sem dúvida, entrando numa revolução da informação e da comunicação sem precedentes que está desafiando nossos métodos tradicionais de análise e de ação”. O dinamismo da rede pede estratégias metodológicas de ação diferenciadas. A questão da apropriação destes produtos digitais pede a observação detalhada do objeto para além dele mesmo, buscando estratégias para entender como as audiências se relacionam com estas iniciativas.

Algumas respostas podem estar em elementos espontâneos que giram em torno das edições, como os comentários da App Store. Os prolongamentos, em diálogo com o próprio objeto e técnicas

metodológicas já estabelecidas para análise de publicações (como escolha de edições, períodos e classificações para análise do produto), têm potencial de complementaridade, chegando a entrelaçamentos complexos. A combinação torna possíveis respostas que não emergem da observação de elementos únicos e possibilita atender problemas de pesquisa ambiciosos.

Como afirma Williams (2005), uma pesquisa necessita se debruçar sobre as questões de causa e efeito. Investigar as tecnologias pelo viés da apropriação constitui um desafio. Talvez, assim como na emergência dos Estudos Culturais, hoje os propulsores das mudanças possam estar migrando da esfera econômica e política para a cultural.

REFERÊNCIAS

DEUZE, Mark. A identidade profissional dos jornalistas no contexto da cultura da convergência. **Observatório journal**, Lisboa, v. 7, p. 103-117, 2008.

DEUZE, Mark. The future of citizen journalism. In: ALLAN, Stuart; THORSEN, Einar (Org.). **Citizen journalism: global perspectives**. New York: Peter Lang, 2009.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HARTLEY, John. **The uses of digital literacy**. New Brunswick: Transaction Publishers, 2011.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2001.

JENKINS, Henry. **Convergence? I diverge**. Boston, 2001. Disponível em: <<http://web.mit.edu/cms/People/henry3/converge.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry. **Media convergence**. Boston, [2006?]. Disponível em: <<http://web.mit.edu/cms/People/henry3/converge.html>>. Acesso em: 25 abr. 2012

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio social: mapeando novas práticas interacionais sonoras. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v.19, n. 2, p. 410-437, maio/ago. 2012.

KNEWITZ, Anna Paula. **A leitura jornalística na contemporaneidade: novas e velhas práticas dos leitores de ZeroHora.com**. 2010. 230 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

KNEWITZ, Anna Paula; JACKS, Nilda. Reconfigurações nas práticas de leituras de notícias: como convivem o jornalismo impresso e o digital. In: SILVA, Gislene et al. (Org). **Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MORLEY, David. Unanswered Questions in Audience Research. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação/ e-Compós**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 1-25, ago. 2006.

POOL, Ithiel de Sola. **Technologies of freedom**: on free speech in naeletic age. Boston: Harvard University Press, 1983.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SHIRKY, Clay. **Culturadaparticipação**. São Paulo: Jorge Zahar Editores, 2011.

SHIRKY, Clay. **Here comes everybody**: the power of organizing people without organizations. London: Penguin Group, 2008.

URICCHIO, William. Cultural citizenship intheageo fP2 Pnetworks. In: BONDEBJERG, Ib; GOLDING, Peter (Org.). **European culture and the media**. Bristol: Intellect Books, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Television**: technology and cultural form. Oxford: Routledge, 2005.

Recebido em: 21/07/2013

Aceito em: 22/04/2014

Publicado em: 22/07/2014